

# REVISTA GEOGRÁFICA UNIVERSAL

Manaus, Rio Branco, Boa Vista, Porto Velho (via aérea), Cr\$ 15,00 — Portugal, Esc. 45\$00

USOS, CRENÇAS  
E LENDAS DOS  
WAYANA-APALAI

AS CEM MIL  
FORMAS DOS  
COGUMELOS

COMO CONVIVER  
COM AS ARANHAS  
E GOSTAR DELAS

OS POVOS  
TRANQUÍLOS DO  
AFEGANISTÃO





# Usos, Crenças e Lendas dos Wayâna-Apalaí

Texto de  
**BEATRIX CARDOSO DE MELLO**  
Fotografias de  
**ENRIQUE FERNANDEZ**

**N** OS confins da Região Amazônica, entre a Guiana Francesa e o Suriname e o Brasil, ergue-se a serra de Tumucumaque, que se estende por mais de seiscentos quilômetros de um território selvagem e desconhecido. É ao pé dessa extensa elevação, nas terras do norte do Pará e do Território do Amapá, que vivem os Wayâna-Apalaí, com grande parte de suas malocas — as aldeias indígenas — localizadas às margens dos rios Paru e Jari, importantes afluentes do Amazonas.

Os primeiros habitantes da região foram indígenas de cultura extremamente primitiva. Não possuíam casas ou qualquer espécie de cerâmica, não haviam atingido ainda o estágio agrícola nem conheciam o arco e a flecha. Como arma, possuíam apenas a borduna, cacete com que matavam a caça, e a funda com que atiravam pedras. Hostis a qualquer contato com estranhos, travaram numerosas guerras com outras tribos da Amazônia que tentaram penetrar na região. Uma dessas prolongadas disputas territoriais ocorreu entre os Apalaí, do grupo lingüístico Tupi, e os Wayâna, do grupo Karib, estes encontrando seus rivais já estabelecidos no território. As guerras foram duras e repetidas, até que, por influência dos pajés, de considerável poder, fez-se um acordo de paz. Iniciou-se assim, no século passado, um período de tranquilidade e convívio entre as tribos, que terminou por fundi-las num só grupo, Wayâna-Apalaí.

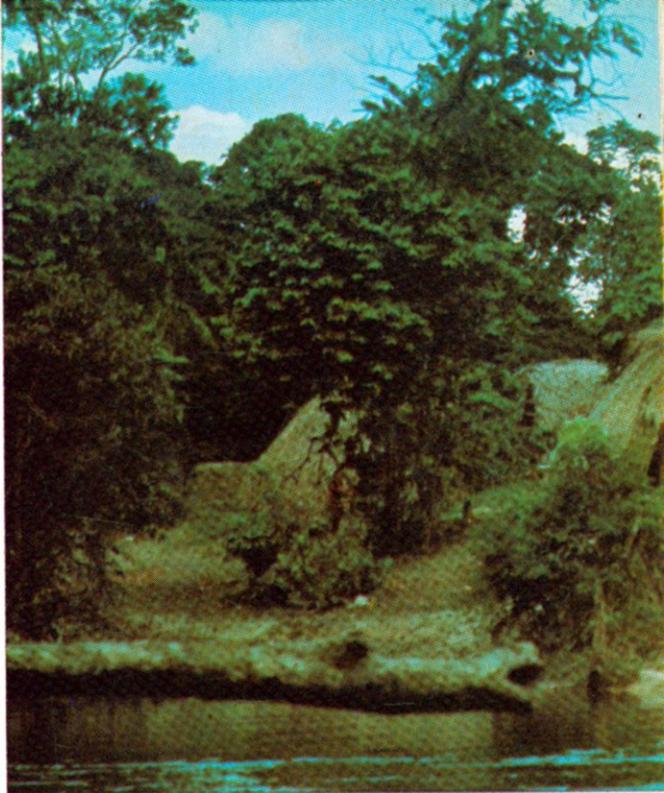
Uma das aldeias em que hoje vivem os Wayâna-Apalaí é Bona, estabelecida por influência do alemão Manfred Rauschert

em 1962. Rauschert, que se encontra na região desde 1951, subiu o rio Paru de Este em companhia do guia índio Touarinké, convidando as famílias Wayâna-Apaláí a acompanhá-los, a fim de formar um núcleo experimental. Chegados à grande cachoeira de Maxituri, num local que oferecia segurança nas épocas de chuva e cheias do rio, ali resolveram instalar a aldeia, que foi batizada com o nome de Bona, forma latinizada do nome da cidade natal de Rauschert, na Alemanha. Bona conta atualmente com mais de 35 casas — que representam 35 famílias — e tem como chefe o guia de Rauschert, Touarinké. O alemão, após viver alguns anos na aldeia, afastou-se, para morar alguns quilômetros distante, deixando os indígenas à vontade para tomarem suas próprias decisões e se autogovernarem.

Culturalmente, a fusão Wayâna-Apaláí é quase total, sendo que a única distinção ainda existente é a língua: o jovem índio pode falar Wayâna ou Apaláí, de acordo com a predominância lingüística na maloca em que vive. Na sua comunicação com o civilizado, os Wayâna-Apaláí utilizam um português imperfeito, aprendido com os balateiros (seringueiros) e os regatões (pequenos comerciantes que sobem os rios trocando mercadorias). O mesmo se dá com os Wayâna da Guiana Francesa, havendo alguns desses indígenas que falam, além da sua língua, o francês e o português.

Os índios Wayâna-Apaláí destacam-se na confecção de trabalhos em cerâmica, embora seus potes, tigelas e moringas apresentem uma pintura bem primitiva, não muito rica. Seu artesanato em miçangas, ao contrário, revela-se de grande riqueza, mostrando ainda em seus colares, pulseiras e cinturões beleza excepcional. Certos índios confeccionam inteiramente com miçangas as suas tangas para as ocasiões festivas. As tangas de uso diário, porém, são feitas de algodão, da mesma forma que as redes e os suportes para transporte de crianças. Cestos, abanos e cataris (pequenos recipientes para carregar produtos da roça e lenha) são fabricados com palha.

**A aldeia de Bona** foi instalada em 1962 à margem do rio Paru. O lugar escolhido para a formação de uma maloca encontra-se sempre próximo a um rio, em local onde se acham pesca abundante e boa caça.







Os Wayâna são do grupo lingüístico Karib, e os Apalaí, de língua Tupi. Hoje, porém, a integração Wayâna-Apalaí é quase absoluta, com as tradições, lendas e crenças originais de cada uma das tribos inteiramente fundidas e aceitas sem distinção pela comunidade.

O contato com o branco ensinou aos Wayâna-Apalaí o uso das armas de fogo, e hoje eles já caçam com espingardas, que lhes foram levadas pelos regatões, ficando o arco e a flecha apenas para as crianças e os adolescentes. Na pesca, porém, o arco e a flecha são utilizados tanto por adultos quanto por crianças, ao lado da linha e do anzol. Emprega-se também na pesca o timbó, veneno extraído da raiz de uma planta de mesmo nome e que possui propriedades narcóticas. Lançado dentro da água, no interior de uma cabaça, o suco do timbó tonteia os peixes, que sobem à superfície e são facilmente apanhados.

Os animais preferidos para a caça são a queixada (*Tayassu pecari*), o macaco, a anta, o veado e quase todas as aves de porte médio. Na pesca, a piranha, a arraia e o tucunaré, de carne excelente. Quando há escassez de caça e pesca, a base da alimentação dos Wayâna-Apalaí é a mandioca, especialmente em forma de beiju ou de farinha pura.

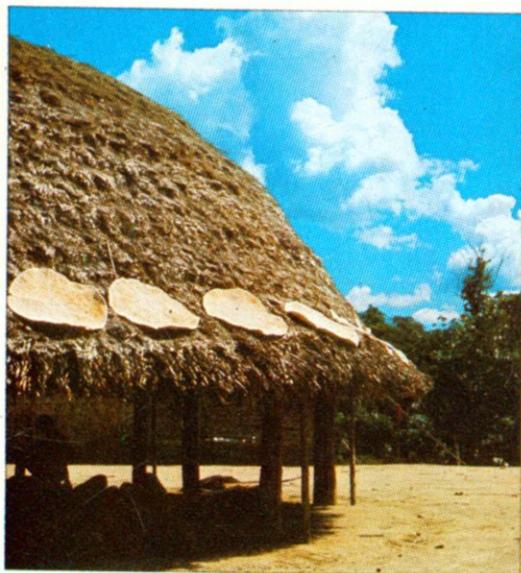
A mandioca é também a base para o fabrico de todas as bebidas dos Wayâna-Apalaí: caxiri — a mais consumida —,

cará, umani, sacurá. Elas são de baixo teor alcoólico, e consumidas em grande quantidade. Em dias de festa um índio pode beber até quarenta litros de aguardente, e para que isso seja possível, à medida que vai bebendo, vai provocando o vômito, através de contrações do diafragma, tornando a beber em seguida. Só depois de ingeridas enormes quantidades é que o índio alcança o estado de embriaguez. Houve uma época em que os missionários em serviço na região tentaram proibir o uso de caxiri entre os Wayâna-Apalaí, mas logo observaram que, com a falta da bebida, os índios se tornavam anêmicos, o que comprovou a importância dos sucos alcoólicos da mandioca na alimentação daqueles indígenas.

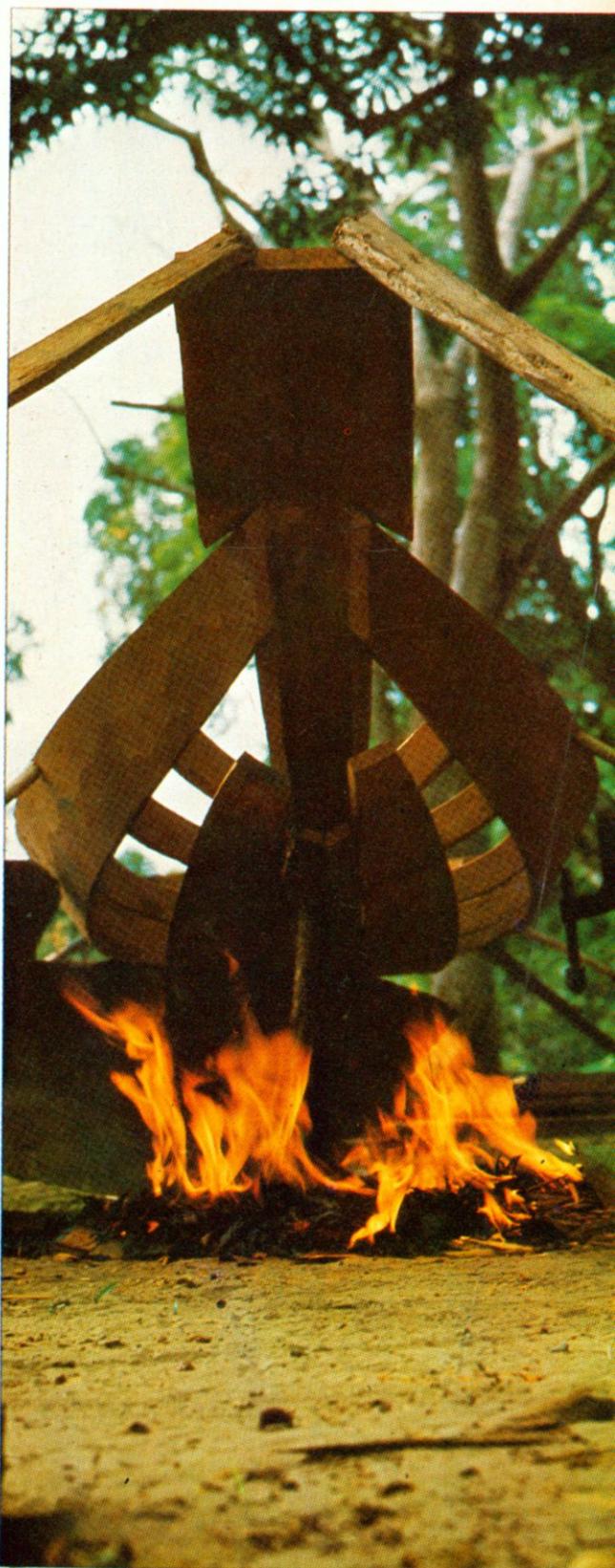
As festas são uma constante na vida dos indígenas em geral, especialmente entre os Wayâna-Apalaí. A visita de um estrangeiro ao tuxaua — o chefe temporal da tribo —, uma caçada feliz, uma boa colheita, a construção de uma casa ou mudança de uma maloca — o fato mais simples constitui motivo para a realização de uma festa. Mas a parte mais importante de







A figura de **Canacató**, um dos *bichos da água*, é pintada no teto de todas as casas de festa das aldeias Wayâna-Apaláí (à esquerda). Nas fotos ao alto, uma oca sobre cujo teto de palha se dispõem placas de massa de mandioca, postas a secar, e uma fase da construção de uma dessas casas de habitação indígenas. À direita, a quilha de um barco é moldada sob a ação do fogo. O torninho pendurado ao cavename da embarcação revela a influência do homem branco nos tradicionais métodos de trabalho indígenas.



qualquer dessas alegres reuniões é o cerimonial das tocandiras. O ritual tem como significado a prova de resistência de homens e mulheres ou de emancipação de adolescentes. O indivíduo deixa-se picar no corpo inteiro pelas temíveis formigas tocandiras (*Paraponera clavata*), que são colocadas numa trama de palha no formato de um animal escolhido pelo índio. Presas pelo pescoço à palha, as tocandiras ficam com o ferrão para um lado e a cabeça para o outro. O encarregado do cerimonial é o pajé, que detém o poder espiritual sobre a tribo, o qual coloca as formigas sobre os índios que já se encontrem em condições de recebê-las, ou seja, os que já estejam completamente entorpecidos pelo caxiri e pelas danças. São cerca de oitenta formigas, de até quatro centímetros de comprimento cada uma, postas na trama, a qual vai sendo aplicada em todas as partes do corpo do indivíduo. No final da cerimônia, aqueles que ainda têm forças andam em direção às suas casas, onde ficam em jejum de água e comida durante três

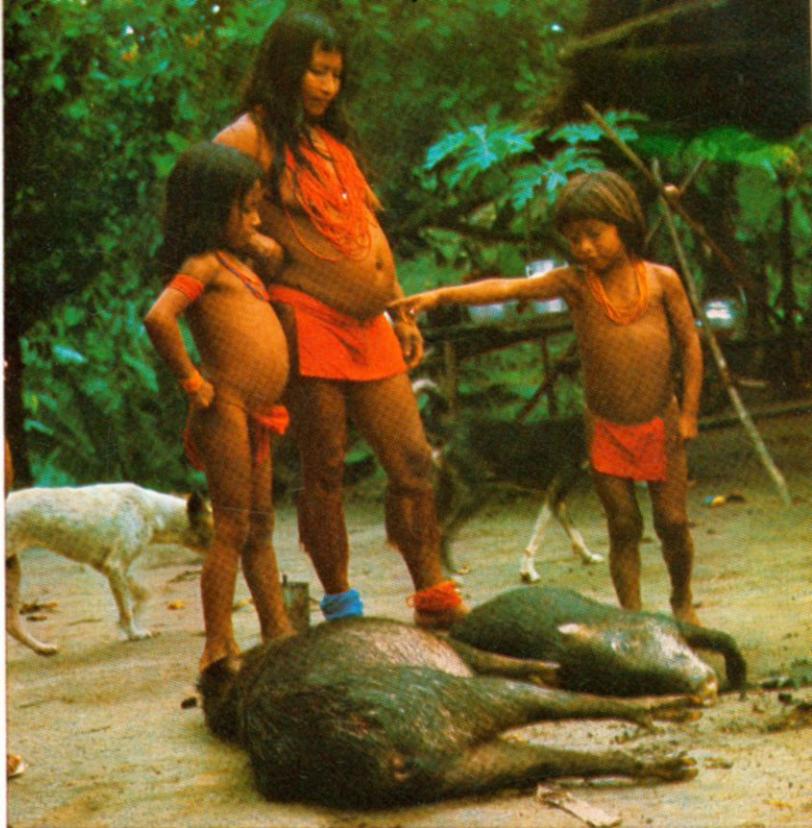
dias. Ao final do terceiro dia, bebem água e comem peixe, e permanecem neste regime alimentar até a próxima festa.

As festas são animadas pela música de flautas e chocalhos. As flautas são encontradas nos mais variados tipos e tamanhos, e confeccionadas em bambu ou osso de veado, e o som de todas elas imita vozes de aves. Antes da participação dos músicos numa festa, realizam-se vários ensaios, porque o tipo de embocadura das flautas indígenas oferece sempre dificuldade.

Para as ocasiões festivas, os índios cobrem o corpo com a tintura vermelha do urucu, fruto do urucuzeiro (*Bixa orellana*). O costume de pintar o corpo, porém, é abandonado por algum tempo se ocorre morte na aldeia, ocasião em que os parentes do morto também raspam a cabeça. O defunto é então enterrado juntamente com todos os seus pertences, e sua roça permanece abandonada, em virtude da crença de que seu espírito continua vagando pela terra e virá castigar quem invadir suas plantações.



Na divisão do trabalho da aldeia, cabem aos homens a construção da casa, a caça, a pesca, a fabricação de canoas e a escolha, limpeza e plantio da roça. Fica com as mulheres a responsabilidade pelo preparo da comida, a colheita e o transporte dos produtos das roças (foto da página anterior), a limpeza da casa, a feitura da rede, o corte e o carregamento da lenha, além do cuidado com os filhos. O dia na maloca tem início com o raiar do Sol e termina por volta das oito da noite. A esta hora as mulheres vão dormir com as crianças, enquanto os homens se reúnem em torno de uma fogueira para comentar os acontecimentos do dia. Nas fotos desta página, o resultado da caça e o evisceramento dos animais.



**Pintados** com a tinta do urucu e adornados com seus mais belos enfeites de penas, os Wayâna-Apalaí dançam ao som de suas flautas de bambu. O temperamento dos índios aproveita qualquer motivo para fazer uma festa.

Crenças e superstições como essa são muito comuns entre os Wayâna-Apalaí. Matitaperê, por exemplo, é considerado ave agourenta. Se um índio vê esse cuculídeo, também chamado saci (*Tapera naevia*), à noite, próximo a uma maloca, toda a aldeia dormirá com o fogo aceso, amedrontada, e no dia seguinte não se falará sobre outra coisa.

Uma das crenças mais impressionantes dos Wayâna-Apalaí é a que se refere ao nascimento de gêmeos. Os índios pensam que a mulher é incapaz de cuidar das duas crianças ao mesmo tempo e, por isso, quando nascem gêmeos e ninguém se oferece para criar um deles, é escolhido o mais forte para sobreviver, enquanto o outro é imediatamente enterrado. Também quando a mãe morre durante o parto, o filho que ainda vive é sepultado junto com ela.

Superstição também existe sobre o preparo do veneno com que os indígenas embebem suas flechas para a caça. Ninguém pode assistir à preparação, que é feita por um só homem. E ele deverá manter-se em jejum enquanto não matar um animal, pois, se comer alguma coisa, o veneno perderá o efeito. Depois de pronta, a poção é colocada na extremidade de uma flecha que é apontada para um cachorro. Se o cão se virar, é porque o veneno é bom; do contrário, é considerado ruim e posto fora, devendo-se preparar outro. Depois dessa, resta ainda uma outra prova, feita já durante a caça. Alvejado o animal, deverá morrer instantaneamente, a fim de que o veneno seja julgado definitivamente bom.

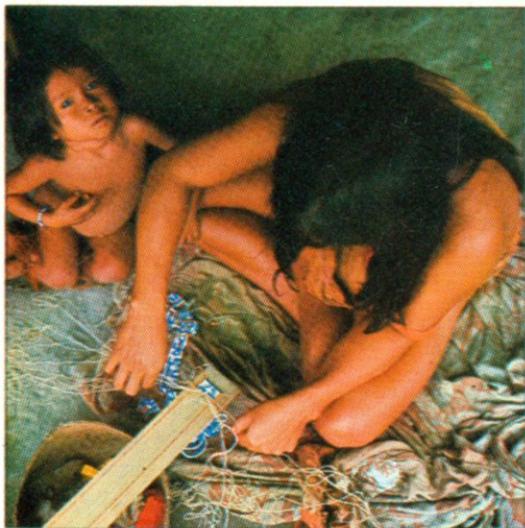
Em relação à doença, existe a pajelança. Quando adoece alguém na aldeia, é contratado um feiticeiro, que permanece na casa do doente, dentro de uma pequena tenda feita pelo pajé, com folha de palmeira. Durante a sua estada, o feiticeiro procura saber a causa do mal através de um contato espiritual com os animais. Os índios da maloca ficam todos em torno da tenda, procurando saber do feiticeiro uma resposta sobre a doença. A sua conversa com os animais se estende até que o pri-







As crianças pequenas ficam sempre junto das mães, tias e avós, mesmo quando as mulheres estão executando os afazeres que lhes são destinados na tribo. Os bebês recebem muitos cuidados: seus cabelos são untados com óleo e cortados em franja, e braços e pernas ganham adornos de contas e fios de algodão.



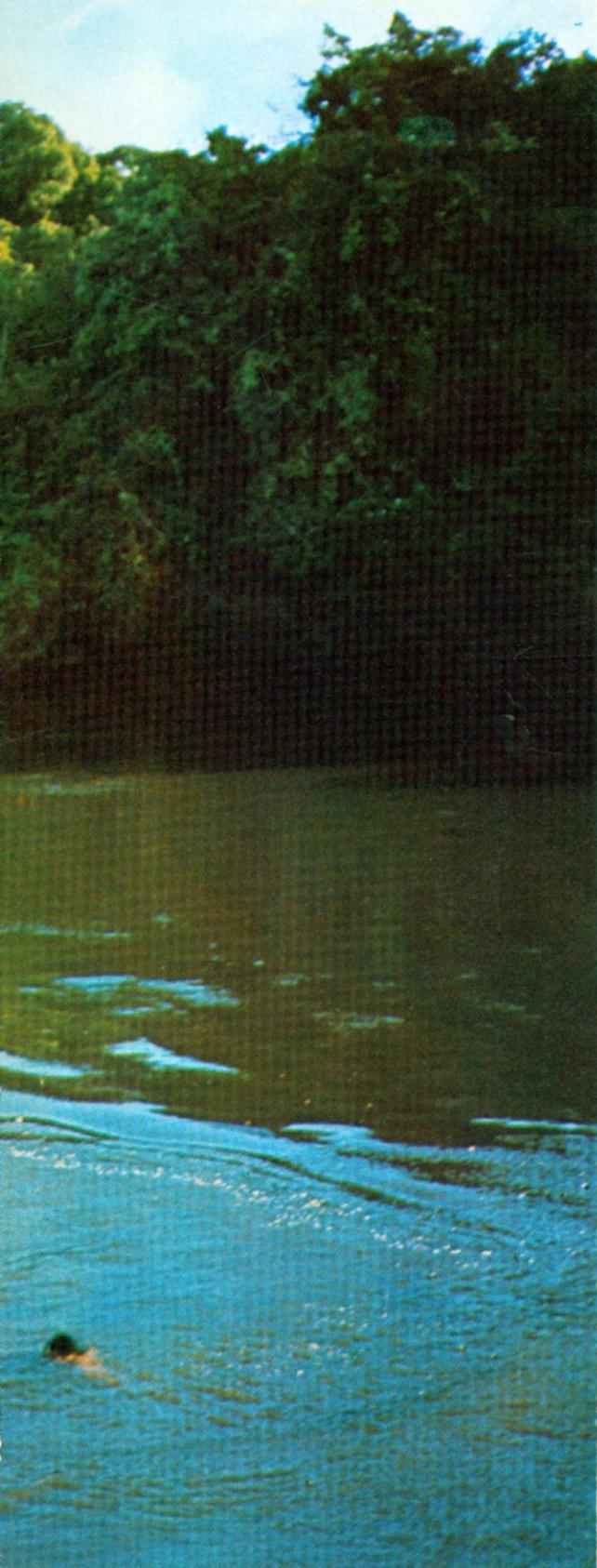
meiro galo cante anunciando a manhã. O contato é então interrompido, para só recomeçar no dia seguinte, até que o feiticeiro encontre a resposta a suas consultas.

Além das crenças e superstições, os Wayâna-Apalai contam com uma série de belas lendas, legadas pelas respectivas tradições de cada um dos dois grupos e hoje aceitas e transmitidas pelos membros das tribos, sem distinção. Da tradição Apalai são as lendas sobre as *idades* míticas, das quais a mais importante é Chipataí, que representa uma espécie de paraíso. Ela se situa numa “serra muito alta no oriente”, e é lá que se reúnem os mortos do povo Apalai. Em Chipataí ninguém morre, nada morre; mesmo as folhas continuam sempre verdes. O “dono do céu” é o “chefe grande”. Outra *idade* mítica Apalai é Uoêi-Tamaru, que quer dizer “lugar de origem da mandioca”. Encontra-se também sobre uma serra alta, “muito distante, para os lados do oeste”.

Uma das mais bonitas lendas — esta originalmente conhecida tanto pelos Apalai quanto pelos Wayâna — é a que fala sobre uma tribo de mulheres que moram no centro da mata. Essas amazonas (em linguagem Apalai, *Olixiana*) foram embora depois de uma briga em família. Deixaram seus maridos e formaram uma maloca no







Tão logo o dia amanhece, as crianças reúnem-se para o banho. Com elas está o futuro dos Wayâna-Apaláí: até onde poderão manter intatas as tradições culturais herdadas de seus antepassados?



centro do mato grande. Aprenderam a caçar e a fazer todos os trabalhos dos homens. E, para procriarem, recorrem aos homens de uma tribo vizinha. Quando nascem filhos varões, são entregues aos pais, ficando com as amazonas apenas as crianças de sexo feminino.

É corrente também entre os Wayâna-Apaláí a crença na existência das *gentes da água*. São pacíficas, iguais aos índios dos velhos tempos, e ainda usam machados de pedra e fazem enfeites de penas muito bonitos. A entrada para esse mundo das águas encontra-se debaixo dos blocos de pedra que jazem no fundo dos rios.

Existe também a crença em *bichos da água*, que atacam e comem gente. Certo dia, à beira de um igarapé bastante fundo, Manfred Rauschert pôde comprovar a razão do medo que os indígenas sentem dos *bichos da água*. "A água ferveu", conta Rauschert, "e os índios fugiram, gritando *Ipolé, Ipolé*." Dizem ainda os Wayâna-Apaláí que perto da cachoeira de Maxituri, há muito tempo, um homem matou um peixe enorme, com grandes espinhas, igual ao animal mítico conhecido como Canacató, que os indígenas têm sempre pintado no teto, em torno do poste que fica no centro das casas de festa das aldeias. □